

Figura 337: Projeto do edifício Juruá, 1955.
 Fonte: Acrópole, 1955, nº. 198, p. 268.
 Redesenho: Evie Cristine Meyer.

O edifício Juruá encontrava-se implantado na Vila Buarque, antigo bairro aristocrático e residencial de São Paulo. Este bairro transformou-se, com o deslocamento do centro da cidade para a Praça da República, rapidamente, em um local privilegiado para a construção de pequenos apartamentos, principalmente quitinetes. O público-alvo destes empreendimentos imobiliários eram as pessoas que trabalhavam no centro da cidade de São Paulo e que não tinham condições financeiras para morar em bairros distantes. O edifício localizava-se no lote diagonalmente oposto ao edifício da sede paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil, no entroncamento das ruas Bento Freitas e General Jardim.

O terreno em que estava localizado possui medidas muito exíguas. Tem apenas vinte metros de frente, voltados para a rua Bento Freitas, por cinco metros de profundidade. Essas medidas acabaram sendo responsáveis pela distribuição interna dos apartamentos e por sua forma, tendo em vista que foi implantado junto ao alinhamento das duas ruas e que sua taxa de ocupação é de 100%.

O prédio era composto por catorze pequenos apartamentos, que variavam entre 30 m² e 46 m², servidos por um elevador e uma escada. No projeto original, as unidades maiores continham um quarto – sala, banheiro, cozinha, área de serviço, wc e dois balcões. As menores, por sua vez, possuíam, também, quarto – sala, banheiro, um balcão e dois cômodos denominados *armários*. Entendemos que, na verdade, estes ambientes eram as cozinhas. O Código de Obras Arthur Saboya, vigente na época, exigia o mínimo de sete metros quadrados para as cozinhas, o que impediria que este projeto fosse aprovado, tendo em vista que a soma dos ambientes chamados de armários não alcançavam essa quantia. A planta deste quarto – sala era em forma de “L”, permitindo isolar cada ambiente. Devido às pequenas medidas do terreno, todos os ambientes dos apartamentos estavam



Figura 338: Maquete do edifício.

Fonte: Acrópole, 1955, nº. 198, p. 268.

localizados na fachada principal, inclusive os banheiros, áreas de serviço e cozinhas, cuja orientação era voltada ao poente.

Para encobrir e dar maior discrição a esses cômodos, o arquiteto projetou faixas de elementos cerâmicos vazados, que se assemelhavam às antigas gelosias utilizadas na arquitetura mourisca, posteriormente presentes na arquitetura portuguesa e brasileira.

Destaca-se, ainda, outro elemento utilizado neste projeto que tinham ligação direta com a arquitetura mourisca, o balcão, assemelhando-se ao antigo muxarabiê. Este elemento encontrava-se nos apartamentos do primeiro ao sexto pavimentos, voltados para ambas as fachadas.

Em um total de sete pavimentos, os seis primeiros tinham a mesma distribuição. O sétimo, entretanto, obedecendo ao gabarito da rua, era recuado, possuindo um terraço, com pérgula, em toda sua extensão voltada para a rua Bento Freitas. O pavimento térreo abrigava o hall de entrada do edifício, e duas pequenas lojas com a finalidade de servir aos moradores do prédio e da vizinhança, como já havia feito nos conjuntos residenciais dos IAPs, especialmente no Japurá.

A fachada principal, voltada para rua Bento Freitas, era marcada por faixas horizontais formadas pelas aberturas e elementos cerâmicos vazados. A lateral, entretanto, era marcada pela verticalidade formada pelos balcões. Essa proporção era ditada, principalmente, pelas medidas do terreno. Ambas as fachadas eram revestidas com pastilhas brancas, enquanto os balcões são revestidos em pastilhas de cor cinza clara. A entrada do edifício, no pavimento térreo, era marcada por empenas levemente inclinadas revestidas em tijolos aparentes e alguns degraus.

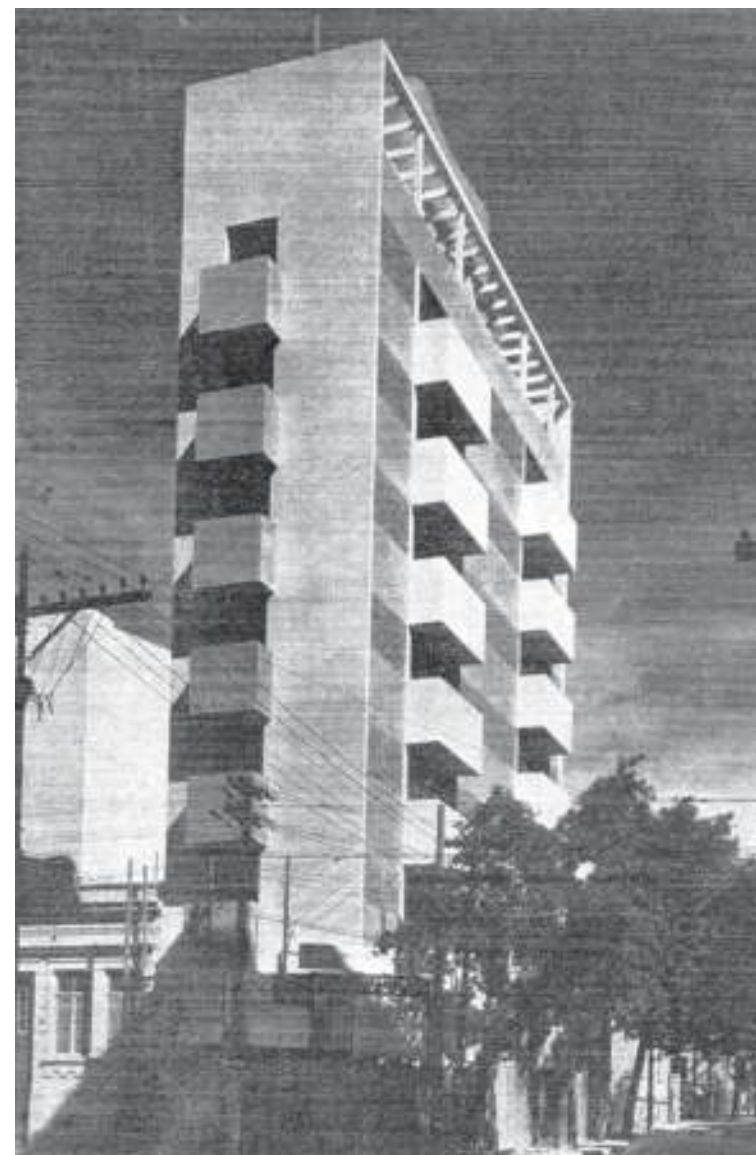


Figura 339: Edifício recém construído.

Fonte: AD Arquitetura e Decoração, 1956, s/ p.

O topo do edifício era marcado por um elemento robusto e vertical que abrigava a casa de máquinas e caixa de água.

Neste projeto, o arquiteto Eduardo Kneese de Mello voltou a abordar o tema da habitação mínima, previamente trabalhado no Edifício Mara, Conjunto Residencial IAPC e IAPI Japurá. A tipologia aqui apresentada, do apartamento conjugado ou quitinete, surgiu, segundo Mario Figueroa (ROSALES, 2002, p. 236) da flexibilidade de um espaço que compartilhava atividades sociais e íntimas e que teve sua consolidação entre os anos de 1952 e 1957. Esta tipologia pode ser exemplificada através dos edifícios *São Miguel* do arquiteto David Libeskind (1953, figura 340); *20 de Setembro* dos arquitetos Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz Roberto Carvalho Franco (1954-1957, figura 341); *Icaraí* (1955-1956, figura 342), *Ibaté* (1955-1956, figura 343), *Normandie* (1956-1957, figura 344) e *Araruanas* (1956-1958, figura 345) todos do arquiteto alemão Franz Heep.

As necessidades de suprir a demanda de apartamentos mínimos na área central parecem ter norteado as definições do projeto. Os princípios funcionalistas apresentavam-se aqui como possibilidades de adequação da solução ao mercado. A utilização do pavimento térreo era destinada a pequenos comércios e serviços. A instalação de outros equipamentos coletivos acoplados à habitação foi impossibilitada dada às medidas do lote em que o edifício foi implantado.

A preocupação do arquiteto mostrava-se muito maior com a solução das plantas do que com a estética do edifício. Segundo Hugo Segawa (1999, p. 140), *“a introdução de elementos modernos na arquitetura paulista não se iniciou mediante os recursos formais que caracterizaram a linha carioca: foi no tratamento racional e inovador da planta que certa modernidade emergiu em São Paulo”*.

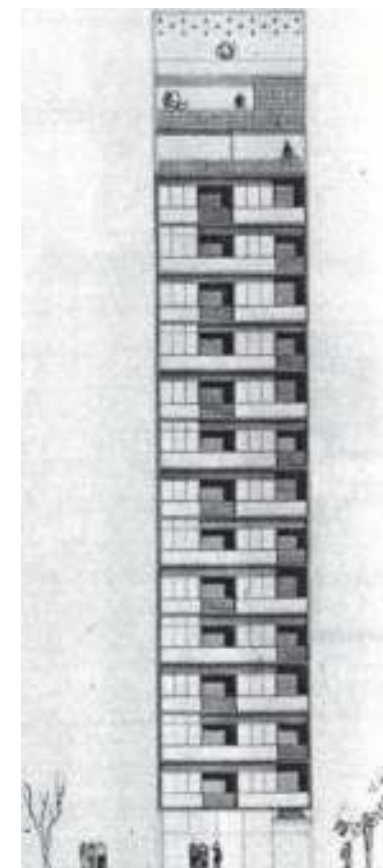


Figura 340: Edifício São Miguel, 1953. Avenida São João, 1857, Santa Cecília, São Paulo. Arquiteto David Libeskind. Fonte: ROSALES, 2002, P3.F14.



Figura 341: Edifício 20 de Setembro, 1954-1957. Rua Álvaro de Carvalho, 108, Consolação, São Paulo. Arquitetos Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz Roberto Carvalho Franco. Fonte: ROSALES, 2002, P3.F20.



Figura 342: Edifício Icarai, 1955-1956. Praça Roosevelt, 128, Consolação, São Paulo. Arquiteto Franz Heep. Fonte: Acrópole, 1956, n.º. 234, p. 234.



Figura 343: Edifício Ibaté, 1955-1956. Rua Antonio Carlos, 396, Consolação, São Paulo. Arquiteto Franz Heep.
Fonte: ROSALES, 2002, P3.F25.



Figura 344: Edifício Normandie, 1956-1957. Avenida Nove de Julho, 656, Bela Vista, São Paulo. Arquiteto Franz Heep.
Fonte: Acrópole, 1957, nº. 239, p. 95.

A estética corbusieriana não era tão evidente neste edifício. Uma outra busca estética foi iniciada, através das referências aos elementos da arquitetura mourisca: muxarabiês e gelsias. Ao que parece, esses elementos foram incorporados por meio dos ensinamentos formais e estéticos da escola carioca, eles apareceram com mais vigor nesta obra e foram responsáveis por suas principais características: uso de pastilhas, elementos vazados e balcões.



Figura 345: Edifício Araruanas, 1956-1958. Avenida São João, 1833, Santa Cecília, São Paulo. Arquiteto Franz Heep.
Fonte: ROSALES, 2002, P3.F25.



- LEGENDA
1. ENTRADA
 2. MEDIORES
 3. CIRCULAÇÃO
 4. CHAMINÉ
 5. QUARTO
 6. BANHEIRO
 7. COZINHA
 8. TERRAÇO
 9. ELEVADOR
 10. ELEVADOR
 11. ZELADOR

PAVIMENTO TÉRREO



- LEGENDA
1. QUARTO
 2. BANHEIRO
 3. COZINHA
 4. TERRAÇO
 5. CIRCULAÇÃO
 6. CHAMINÉ
 7. ELEVADOR
 8. ARMÁRIO

1º AO 7º PAVIMENTOS



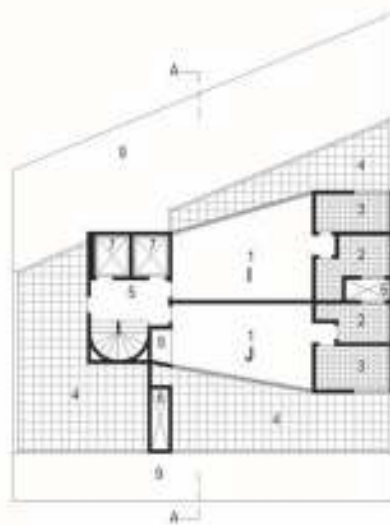
- LEGENDA
1. QUARTO
 2. BANHEIRO
 3. COZINHA
 4. TERRAÇO
 5. CIRCULAÇÃO
 6. SALA
 7. ELEVADOR
 8. ARMÁRIO
 9. CHAMINÉ

8º PAVIMENTO



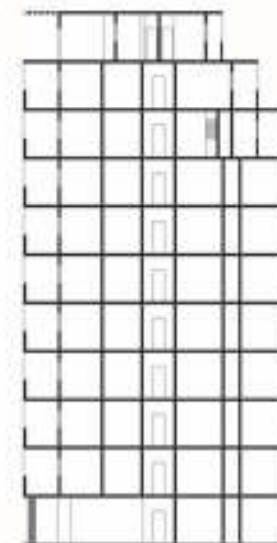
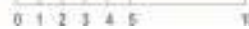
- LEGENDA
1. QUARTO
 2. BANHEIRO
 3. COZINHA
 4. TERRAÇO
 5. CIRCULAÇÃO
 6. SALA
 7. ELEVADOR
 8. ARMÁRIO
 9. CHAMINÉ
 10. PERGOLA

9º PAVIMENTO



- LEGENDA
1. QUARTO
 2. BANHEIRO
 3. COZINHA
 4. TERRAÇO
 5. CIRCULAÇÃO
 6. CHAMINÉ
 7. ELEVADOR
 8. ARMÁRIO
 9. PERGOLA

10º PAVIMENTO



CORTE AA



Figura 347: Projeto do edifício Demoiselle, 1956.
 Fonte: acervo FAU USP.
 Redesenho: Evie Cristine Meyer.

Este projeto destinava-se a condomínio de pequenos apartamentos. Foi promovido, projetado e construído pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello para a pequena burguesia urbana em meados da década de 1950. Localizava-se no bairro do Bexiga, próximo a praça 14 Bis – denominada pelo arquiteto Santos Dumont em seus croquis –, em lote com frente para a rua Rocha e fundo para a rua Cardeal Leme, não existente na época do projeto. O terreno, de forma trapezoidal, possuía dezessete metros de frente para a primeira e, aproximadamente, dezenove metros para a segunda.

O edifício ocupou integralmente o lote e foi implantado paralelo à linha norte / sul, visando boa insolação em todos os cômodos, uma vez que estes estavam localizados nas fachadas voltadas para o nascente e poente. Nas demais fachadas, voltadas para o norte e sul, não foram projetadas aberturas. O edifício era constituído dos seguintes pavimentos: porão, térreo, 1º ao 10º andares, casa de máquinas e caixa d'água.

Conforme o memorial descritivo⁵, no porão estaria localizado o reservatório de água e compartimentos para bombas e para lixo. No pavimento térreo estariam a entrada, hall, escada, dois elevadores, apartamento para zelador e mais cinco apartamentos dos tipos A, B, C, D (sem terraço) e G. Do primeiro ao sétimo andar, cada um continha seis apartamentos dos tipos A, B, C, D, E, e F. No oitavo pavimento, cinco apartamentos dos tipos L, C (com redução no quarto e aumento no terraço) D, E, e F. O nono pavimento possuía quatro apartamentos dos tipos D, E, e F (com aumento dos terraços e redução nos quartos) e outro, tipo H. No último pavimento, dois apartamentos tipo I e J e um terraço para uso de todos os moradores. Todos os pavimentos continham uma circulação, defronte

⁵ O memorial descritivo deste projeto encontra-se no acervo de projetos da biblioteca Eduardo Kneese de Mello, localizada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

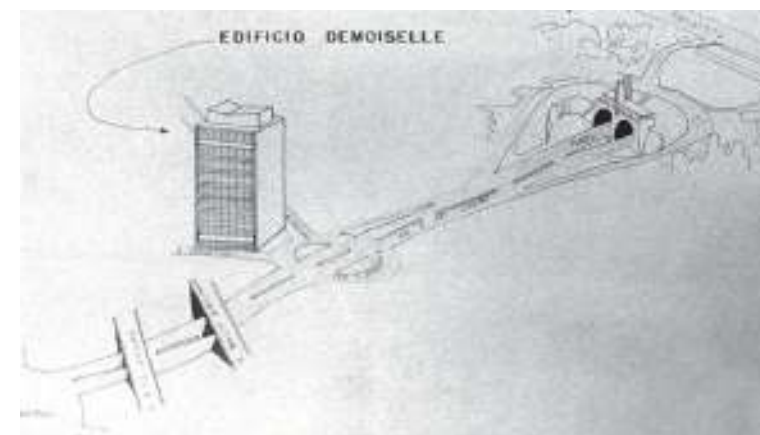


Figura 348: Croqui ilustrativo da localização do edifício.
Fonte: acervo FAU USP.

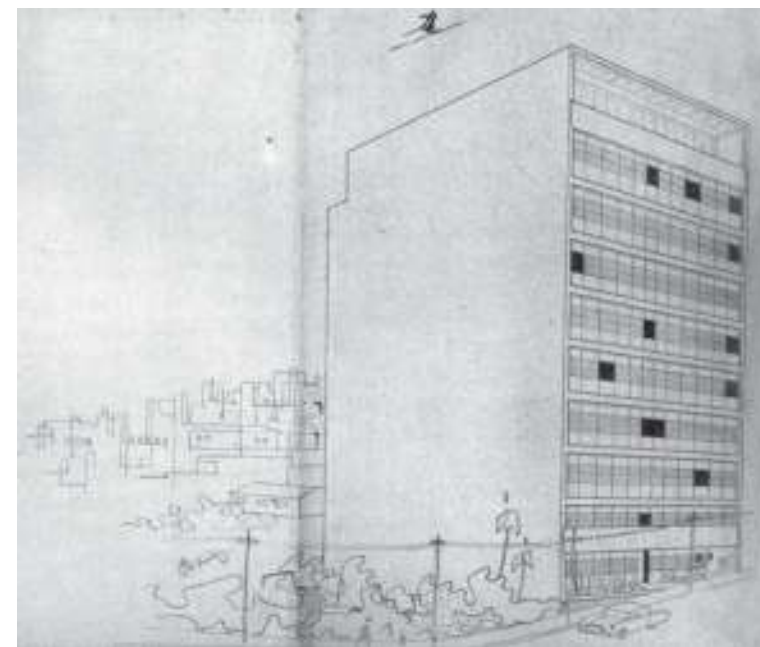


Figura 349: Perspectiva da fachada principal do edifício, voltada para a rua Rocha.
Fonte: acervo FAU USP.

aos elevadores e escada, que dava acesso aos apartamentos e um pequeno armário na fachada norte.

Neste edifício, todos os apartamentos apresentavam somente um dormitório, contudo apresentavam variações em suas metragens e divisões internas, ocasionadas pela forma trapezoidal do terreno:

- Tipo A: quarto, armário, cozinha, banheiro e antecâmara – 34,25 m² ;
- Tipo B: quarto, armário, cozinha, banheiro, antecâmara e terraço – 42,5 m²;
- Tipo C: quarto, vestíbulo, cozinha, banheiro, antecâmara e terraço – 56,6 m²;
- Tipo D: quarto, armário, banheiro, cozinha, antecâmara e terraço – 44,10 m²;
- Tipo E: quarto, banheiro, cozinha, antecâmara e terraço – 43,80 m²;
- Tipo F: quarto, vestíbulo, banheiro, cozinha, antecâmara e terraço – 46,60 m²;
- Tipo G: quarto, vestíbulo, banheiro, cozinha e antecâmara – 36,10 m²;
- Tipo H: quarto, vestíbulo, armário, sala, banheiro, cozinha e terraço – 82,60 m²;
- Tipo I: quarto, cozinha, banheiro, antecâmara e terraço – 63 m²;
- Tipo J: quarto, armário, banheiro, cozinha, sala e terraço – 69,45 m²;
- Tipo L: quarto, armário, banheiro, cozinha, sala e terraço – 72,20 m².

A ventilação e iluminação natural dos banheiros eram providas por três poços, solução previamente adotada nos edifícios MARA, IAPC Cidade Jardim e IAPI Japurá. Em contrapartida, nas cozinhas as aberturas voltavam-se para os terraços, nas fachadas. Em nenhuma das unidades estava prevista uma área de serviço, nem indicada a instalação



Figura 350: Croqui do edifício.
Fonte: AD Arquitetura e Decoração, 1956, n.º. 18, s/ p.



Figura 351: Perspectiva interna de um apartamento.
Fonte: AD Arquitetura e Decoração, 1956, n.º. 18, s/ p.

de um tanque no banheiro, como já havia sido feito no Conjunto Residencial da rua Japurá.

Atendendo a legislação do período, o arquiteto recuou o oitavo, nono e décimo pavimentos. Neste último, destacava-se, no projeto, a presença de pérgulas circulares, posteriormente alteradas para retangulares.

As fachadas para a rua Rocha e Cardeal Leme seriam revestidas em pastilhas de cor a escolha do arquiteto, contudo esta cor não foi mencionada no memorial descritivo. As fachadas laterais, empenas cegas, seriam revestidas com material tipo *CIREX* (massa raspada com mica) ou equivalente. Como fechamento dos quartos, salas, terraços e cozinhas voltadas para rua Cardeal Leme, o prédio teria janelas de correr com persianas de madeira. Nos banheiros e demais cozinhas, a janela seria do tipo basculante com vidro fosco.

A noção de habitação desenvolvida e divulgada por Kneese não se encontrava aplicada neste projeto. A ausência de equipamentos coletivos e serviços acoplados à moradia atestam esta afirmação. O único espaço para uso coletivo (lazer) nesse projeto é o terraço localizado no décimo pavimento. Assim, como nos edifícios projetados para o Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa, não houve uma preocupação social evidente. Nota-se, somente, uma intensa preocupação com o conforto dos usuários por meio da distribuição racional dos espaços internos.

The table, titled 'EDIFÍCIO DEMISELE', lists 15 housing units. Each row includes a unit number, area, and various cost components such as 'CUSTO DE CONSTRUÇÃO', 'CUSTO DE EQUIPAMENTOS', and 'CUSTO TOTAL'. The final column shows the 'CUSTO FINAL' for each unit.

Figura 352: Tabela descritiva das unidades habitacionais e seu custo final. Fonte: acervo FAU USP.

The table, titled 'EDIFÍCIO DEMISELE', lists 15 housing units and their respective owners. The columns include 'UNIDADE', 'NOME DO PROPRIETÁRIO', and 'CATEGORIA'. The names of the owners are listed in a stylized font.

Figura 353: Tabela com as unidades habitacionais e seus proprietários. Fonte: acervo FAU USP.

4.7 Edifício Renato da Fonseca

Nome atual :	EdifícioAbaúna
Proprietário:	Construtora Sociedade Paulista de Construções Civas
Arquitetos:	Eduardo Kneese de Mello e Joel Ramalho Jr.
Engenheiros:	Jacob Janovitch e Renato da Fonseca
Construção:	Construtora Sociedade Paulista de Construções Civas
Ano:	1960 (projeto); 1961 (construção)
Endereço:	Rua Antonio Carlos, 180, Bela Vista – São Paulo, SP.
Referências:	Módulo, nº 24, p. 34-36, 1961. REGINO, Aline Nasralla. COM ENTUSIASMO. A vida e obra de Eduardo Kneese de Mello. São Paulo: Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Trabalho final de graduação, 2002. REGINO, Aline Nassaralla; SANTOS, Ademir Pereira dos; et. al. Arquitetura atribuição do arquiteto. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005.
Premiação:	Prêmio Assembléia Legislativa do Estado no XXV Salão Paulista de Belas Artes. Secretaria de Estado dos Negócios do Governo do Estado de São Paulo.



Figura 354: Mapa de localização, sem escala.
Fonte: GEGRAN, 1973.

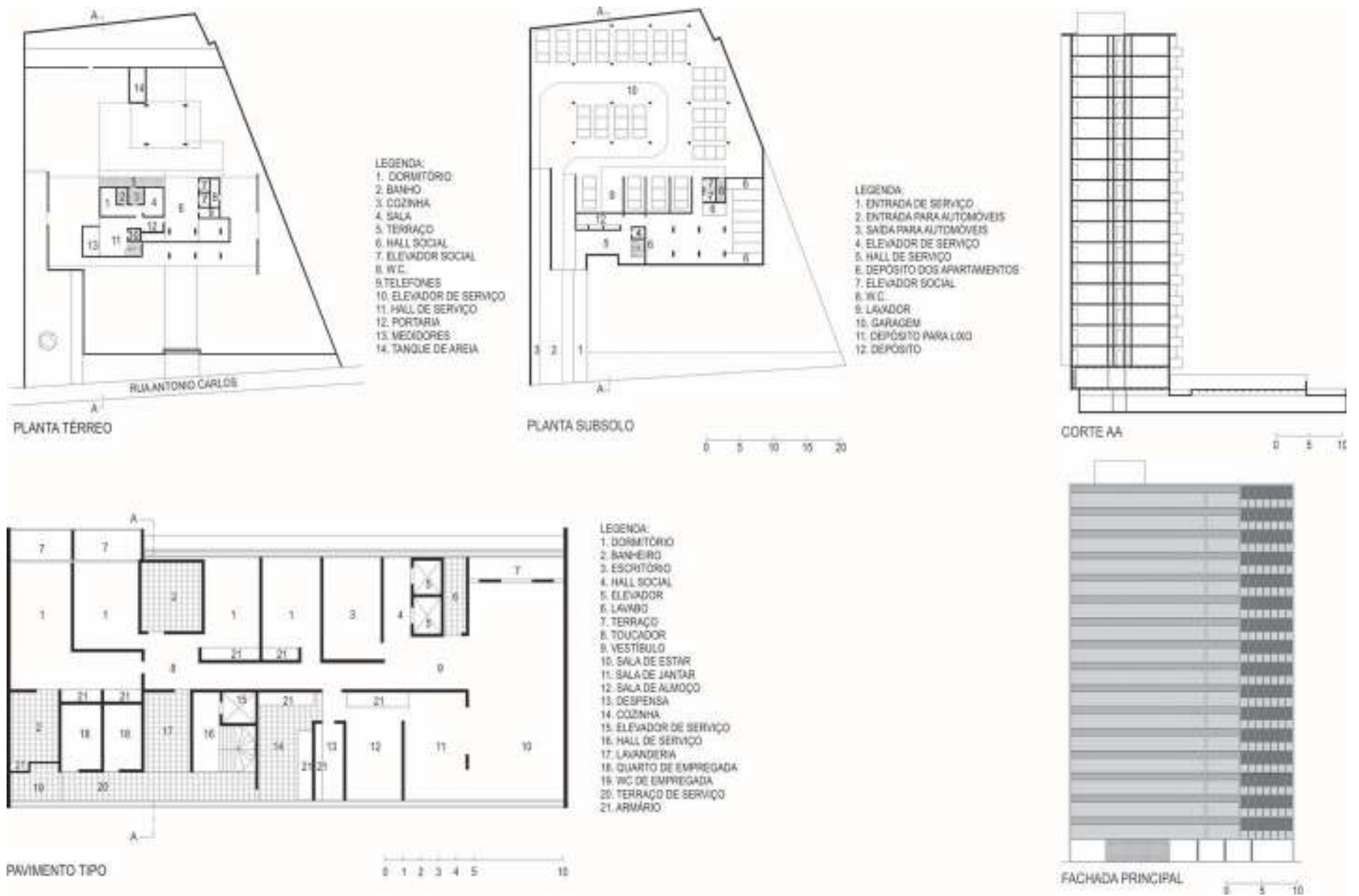


Figura 355: Projeto do edifício Renato da Fonseca, 1960.
 Fonte: Módulo, 1961, nº. 24, p. 35 e 36.
 Redesenho: Evie Cristine Meyer.

O edifício Abaúna foi implantado na rua Antonio Carlos, nas proximidades da rua Frei Caneca e da avenida Paulista. Sua localização estava diretamente relacionada ao público-alvo deste empreendimento, a camada média urbana paulista. Este projeto habitacional dos arquitetos Eduardo Kneese de Mello e Joel Ramalho Jr. diferenciava-se dos demais projetos de Kneese justamente por ser voltado à outra camada da sociedade, o que gerou enormes diferenças em seu programa.

O terreno, de forma trapezoidal, apresentava certa declividade em direção à rua Frei Caneca. Tirando partido desta característica física do lote, os arquitetos implantaram o acesso ao subsolo deste lado do terreno. Neste pavimento, fazia-se o acesso de serviço, com circulação vertical separada da social. Além da garagem e vaga para lavagem de automóveis, o subsolo abrigava também depósitos dos apartamentos, depósitos para funcionários, depósito para lixo e vestiário.

O edifício foi construído com um recuo frontal de, aproximadamente, dez metros. Neste recuo foi previsto um jardim, que se iniciava junto à rua e penetrava por sob o prédio e se estendia até o final do terreno, próximo à área destinada ao lazer das crianças. Era composto por subsolo, pavimento térreo e dezesseis pavimentos tipo com um único apartamento e caixa d'água na cobertura.

No pavimento térreo, com pé-direito duplo, o acesso social de pedestres fazia-se por meio deste jardim, chegando ao hall dos elevadores. Como no subsolo, a circulação vertical social, com dois elevadores, e de serviço, com um único elevador, foi tratada de maneira diversa, com hall separado. A escada estava presente no hall de serviço. O térreo era composto ainda pelo apartamento do zelador, com cerca de 50 m², que, por sua vez, era formado pelos seguintes ambientes: dormitório, banheiro, cozinha, sala e terraço



Figura 356: Maquete do edifício.
Fonte: Módulo, 1961, nº. 24, p. 34.

voltado ao jardim posterior do edifício. Este apartamento estava localizado próximo à portaria e ao hall de serviço.

O pavimento tipo continha apenas um apartamento com área aproximada de 500 m². Existiam dois acessos para cada unidade, com halls distintos, sendo um para moradores (social) e outro para empregados (serviço). O apartamento dividia-se ao meio através de um largo e longo corredor central. Na face norte encontravam-se a área íntima e parte da área social. Na face sul, a área de serviço e a continuidade da social.

O hall social localizava-se próximo da área de convívio social do apartamento, sendo esta composta por um escritório, lavabo ligado ao vestíbulo, uma grande sala de estar com abertura para as faces norte e sul e salas de jantar e almoço, ambas voltadas para a fachada principal (face sul). Dividindo a área social com a de serviço, existia uma despensa. A área de serviço era composta pelo hall de acesso, cozinha, lavanderia, dois dormitórios, um banheiro para empregados e um terraço de serviços que interligava todos os ambientes da área de serviço. Uma inovação programática apresentava-se na composição desta área, pois a lavanderia ligava-se diretamente com os dormitórios dos moradores, evitando que as empregadas necessitassem transitar por outros cômodos. A área íntima, toda voltada para a face norte, portanto para a fachada posterior do edifício, possuía três dormitórios sendo que apenas um deles tinha terraço. Nesta face estavam também um grande banheiro que poderia ser dividido em dois, e uma grande suíte, em “L”, com closet e terraço.

As fachadas principal e posterior do edifício seriam revestidas, por inteiro, com peças horizontais de madeira. Estas peças formariam um fechamento, tipo veneziana, para os peitoris das janelas e funcionariam como elementos vazados no terraço de serviços, garantido privacidade aos usuários do edifício. As peças de madeira (cabreúva) seriam



Figura 357: Vista da fachada principal e pavimento térreo.
Fonte: Camilla Pilosio Botelho, 2006.



Figura 358: Fachada principal e lateral. Aberturas nas empenas laterais podem ser notadas, apesar de não estarem previstas no projeto original. Fonte: Camilla Pilosio Botelho, 2006.



Figura 359: Fachada principal. Durante a construção, optou-se por colocar os elementos em madeira apenas em parte desta fachada, devido ao custo deste elemento. Fonte: Camilla Pilosio Botelho, 2006.



Figura 360: Edifício Arper, 1959-1962. Rua Pernambuco, 15, Higienópolis, São Paulo. Arquiteto David Libeskind. Fonte: Acrópole, 1962, n.º 282, p. 188.



Figura 361: Edifício Araba, 1960-1962. Rua Aracajú, 235, Higienópolis, São Paulo. Arquiteto David Libeskind.
Fonte: ROSALES, 2002, P4.F05.



Figura 362: Edifício Maria Anna, 1961. Alameda Rio Claro, 251, Bela Vista, São Paulo. Arquitetos Maurício Kogan e Samuel Szpigel.
Fonte: Acrópole, 1967, nº. 337, p. 22.

tratadas com produtos retardantes de fogo e contra fungos, evitando, assim, quaisquer eventuais problemas. Dessa forma, a horizontalidade gerada por essas peças de madeira eram os elementos de destaque da fachada principal. Destacava-se, ainda, na fachada principal, o pavimento térreo com seu pé-direito duplo vedado parte em vidro e parte em tijolos aparentes, recuados do bloco principal. Na fachada posterior, essa horizontalidade era quebrada pela presença dos terraços dos dormitórios, elementos que conferiam verticalidade ao volume. As fachadas laterais não tinham quaisquer aberturas, eram empenas cegas de concreto, pintadas de branco.

O programa do edifício Abaúna era muito diferente dos demais projetos realizados por Eduardo Kneese de Mello em toda a sua trajetória profissional como arquiteto moderno. Foi o único edifício projetado para as camadas médias urbanas paulistanas, remetendo aos programas das residências ecléticas construídas em sua primeira fase profissional (1932-1943), onde projetou verdadeiras *mansões suspensas*, em que se tratavam, inclusive, a circulação de serviço e social de forma distinta. Em nenhum outro projeto de habitação coletiva foi encontrada esta tipologia, de um único apartamento por andar, e tampouco com metragem tão ampla. Esta tipologia difere-se das demais aqui estudadas, em que o arquiteto buscava alcançar a habitação mínima através da redução máxima dos ambientes sem que, com isso, prejudicasse o conforto de seus usuários.

Neste mesmo período, outros projetos de habitação coletiva apresentaram essa mesma solução – edifícios com uma única unidade habitacional por pavimento, para as camadas médias urbanas paulistanas. Dentre eles, destacam-se os edifícios *Arper* (1959-1962, figura 360) e *Araba* (1960-1962, figura 361) do arquiteto David Libeskind; *Maria Anna* (1961, figura 362) dos arquitetos Maurício Kogan e Samuel Szpigel; *Guaimbê* (1962-1966, figura 363) dos arquitetos Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro;



Figura 363: Edifício Guaimbê, 1962-1966. Rua Haddock Lobo, 1447, Jardim Paulista, São Paulo. Arquitetos Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro. Fonte: ARTIGAS, 2002, p. 167.



Figura 364: Edifício Tamar, 1964. Rua Piauí, 631, Higienópolis, São Paulo. Arquitetos Maurício Schneider e Pedro Paulo de Mello Saraiva.
Fonte: Acrópole, 1967, nº. 337, p. 22.



Figura 365: Edifício Manon, 1964. Rua Sergipe, 312, Higienópolis, São Paulo. Arquiteto Victor Reif.
Fonte: Acrópole, 1965, nº. 318, p. 24.

Tamar (1964, figura 364) dos arquitetos Maurício Schneider e Pedro Paulo de Mello Saraiva; *Manon* (1964, figura 365) do arquiteto Victor Reif; e *Santa Cândida e Santa Francesca* (1964, figura 366) do arquiteto Salvador Candia.



Figura 366: Edifício Santa Cândida e Santa Francesca, 1964. Rua Aureliano Coutinho, 355, Santa Cecília, São Paulo. Arquiteto Salvador Candia.
Fonte: ROSALES, 2002, P4.F20.

4.8 CRUSP

Nome:	Conjunto Residencial para Estudantes da Universidade de São Paulo
Proprietário:	Fundo para construção da Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira” (FUNDUSP)
Arquitetos:	Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira
Colaboradores:	Arthur Pitta e Lello Ranzani (estrutura), Homero Lopes (instalações).
Construção:	Ribeiro Franco Engenharia S.A. (pré-moldados) e Servix Engenharia Ltda. (processo tradicional).
Ano:	1961 (projeto); 1963 (construção).
Endereço:	Rua do Anfiteatro, blocos A, B, C, D, E, F, e G, Cidade Universitária, Butantã – São Paulo, SP.
Referências:	Acrópole, nº 303, p. 93-101, 1964. A Construção SP, nº 1745, p. 61, 1981. KNEESE DE MELLO, Eduardo. Setor residencial da Cidade Universitária “Armando Salles de Olivira” . In: ETERNIT. Eternit na Arquitetura Brasileira Contemporânea Brasileira , s/d a, s/p. REGINO, Aline Nasralla. COM ENTUSIASMO. A vida e obra de Eduardo Kneese de Mello . São Paulo: Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Trabalho final de graduação, 2002. REGINO, Aline Nassaralla; SANTOS, Ademir Pereira dos; et. al. Arquitetura atribuição do arquiteto . São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005. Revista do diretório acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, nº. 1, p. 39-48, s/d. ROSALES, Mario Arturo Figueroa. Habitação coletiva em São Paulo 1928>1972 . São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de doutorado, 2002.



Figura 367: Mapa de localização, sem escala.
Fonte: GEGRAN, 1973.

Premiação:

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

THOMAZ, Dalva. **Eduardo Kneese de Mello – documento**. Revista AU. São Paulo: n°45, dezembro 1992 / janeiro 1993, p. 80-88.

UNIVERSIDADE de São Paulo; CENTRO de Preservação Cultural. **Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP**. Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos e CORONA, Eduardo. **Arquitetura Moderna Paulistana**. São Paulo: Editora Pini, 1983.

Grande Medalha de Ouro do XII Salão Paulista de Arte Moderna.

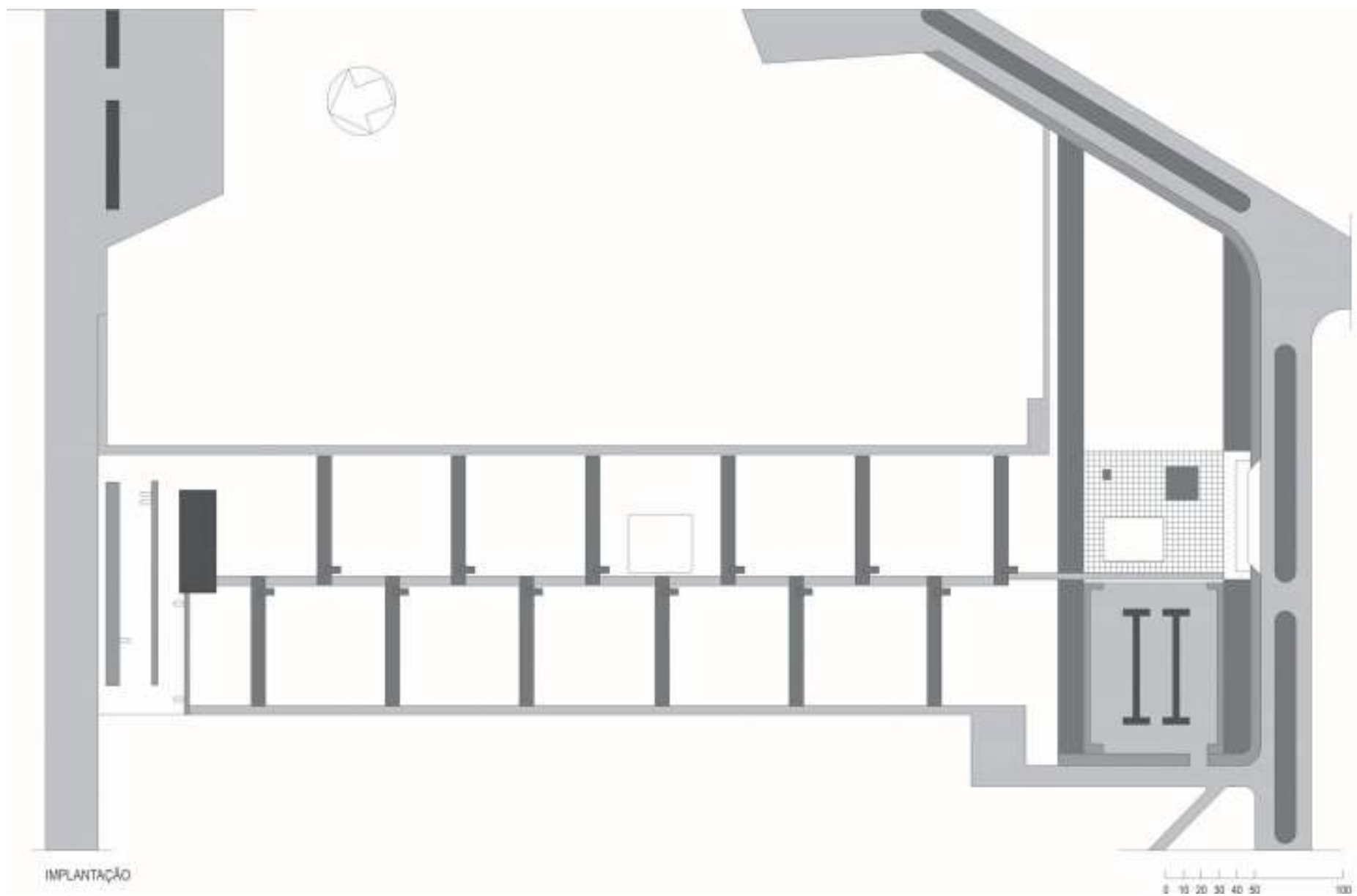


Figura 368: Implantação do Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo, CRUSP, 1961.
Fonte: acervo FAU USP.
Redesenho: Evie Cristine Meyer.

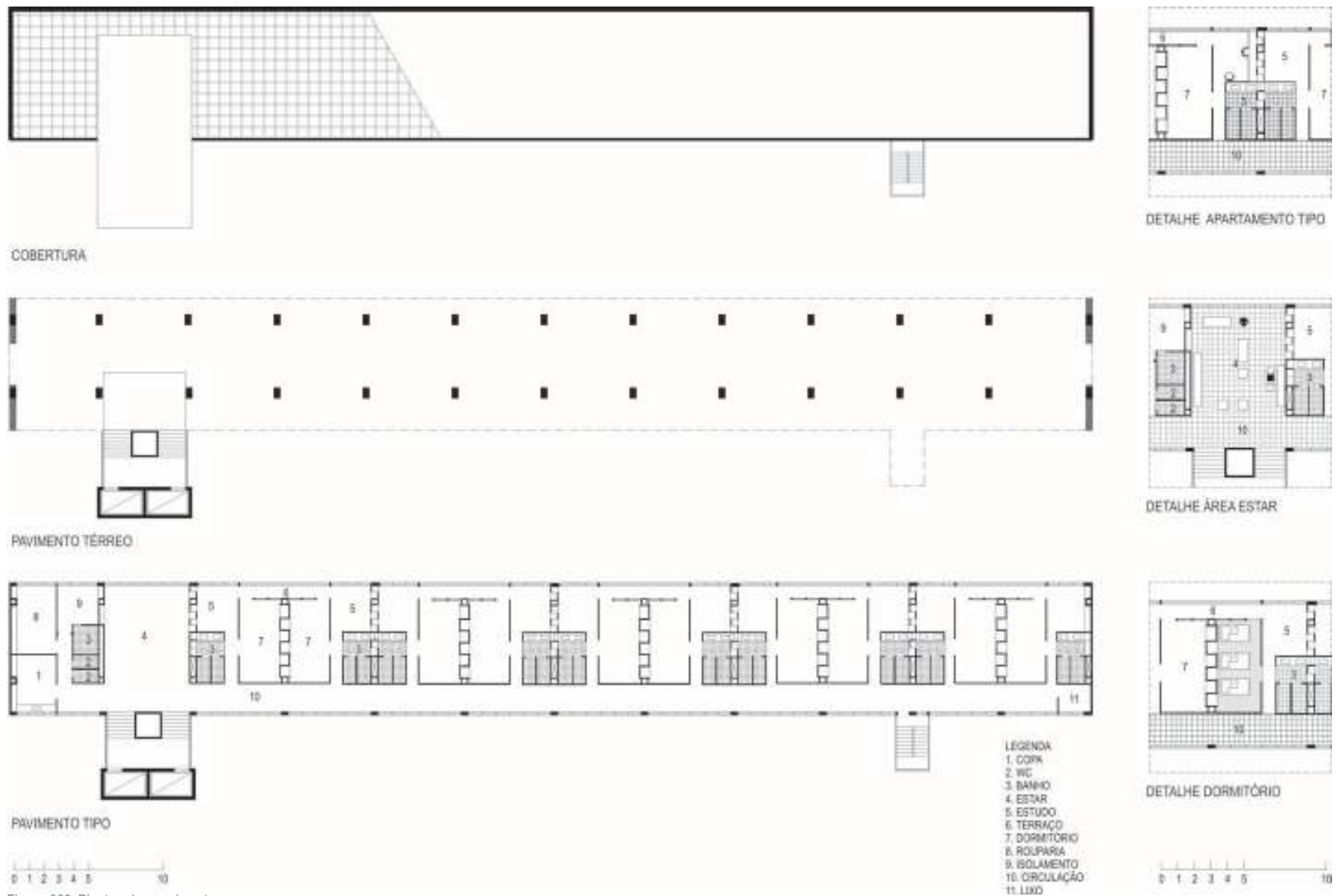


Figura 369: Plantas dos pavimentos.
 Fonte: acervo FAU USP.
 Redesenho: Evie Cristine Meyer.

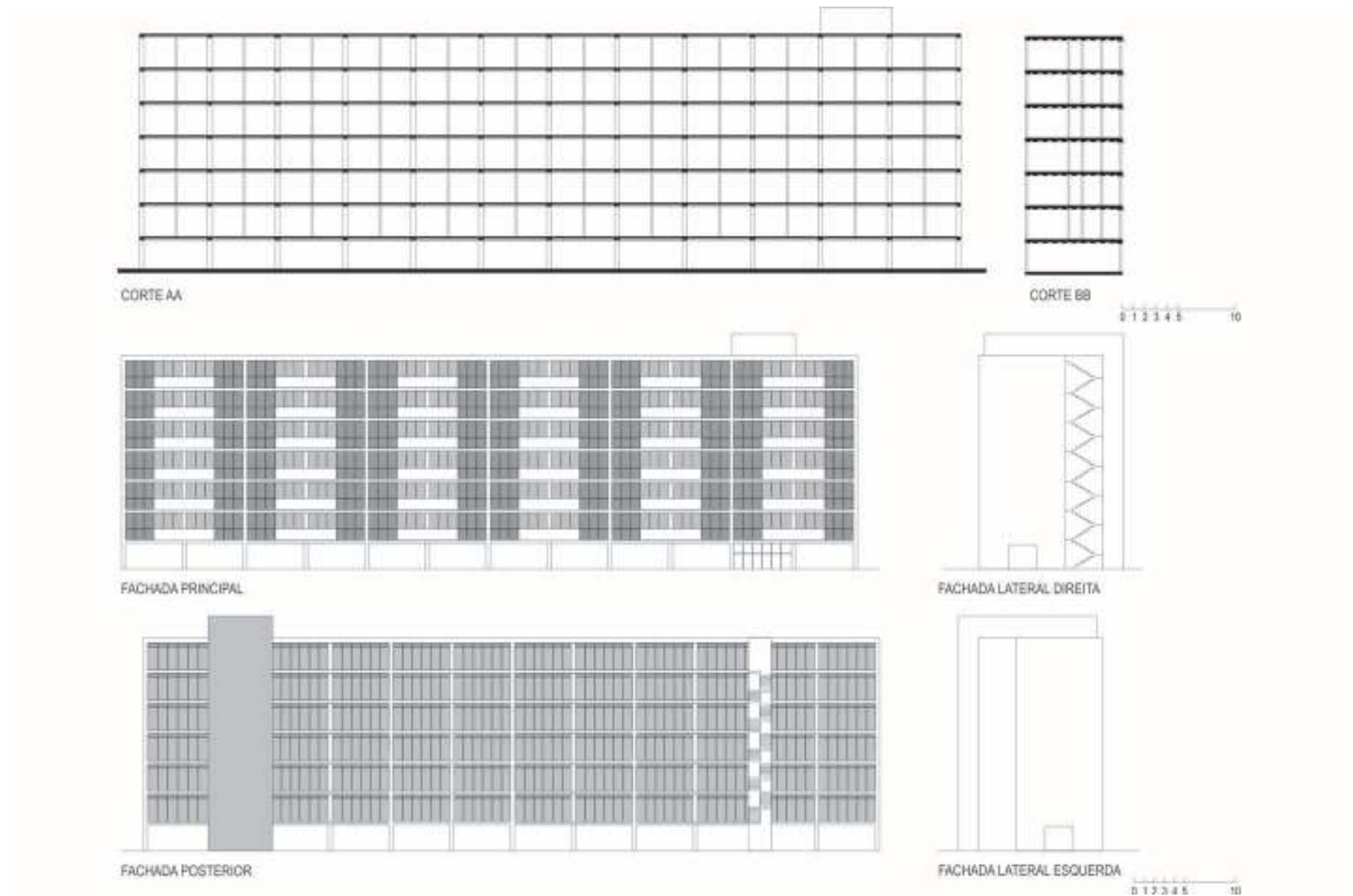


Figura 370: Cortes e fachadas.
 Fonte: acervo FAU USP.
 Redesenho: Evie Cristine Meyer

O terreno destinado ao Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo, mais conhecido como CRUSP, situava-se entre o centro social e o setor esportivo da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira. No sentido longitudinal, encontrava-se entre a avenida principal e a avenida marginal à raia olímpica.

O projeto, destinado à *moradia estudantil* deveria ter capacidade para alojar de 2000 a 2500 alunos, totalizando 45 mil m². Para tanto, inicialmente, os arquitetos estudaram vários tipos de acomodações, com um, dois ou três alunos por dormitório. Depois de discutidos esses estudos pela comissão planejadora, os diretores do Fundo para a Construção da Cidade Universitária optaram pela solução de unidades com capacidade para três alunos.

Para atingir o número de estudantes foram projetados doze edifícios com seis pavimentos, sobre pilotis e com um recuo de oitenta metros entre eles. O recuo somado à área livre do pavimento térreo foi projetado para o lazer, como descanso para os estudantes.

Aqui deveria haver bancos lugar para estar um jogo de voleibol, por exemplo, caberia perfeitamente aqui, jogos pequenos, de modo que o estudante vivesse isto aqui, e os outro seus colegas, das suas janelas, dos seus balcões, pudessem assistir tudo isso. (...) A nossa idéia de desencontrar os prédios, embora paralelos, mas invés de fazer um ao lado do outro, defasados, (...) é de criar um ambiente maior, livre aqui, uma área de estar, de lazer, de descanso dos estudantes. (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: ARQUITETO, s/d. Cf. Anexo 4).

Cada pavimento tinha dez apartamentos, uma sala de estar, enfermaria, rouparia, copa, área para lixo e terraço. Os apartamentos, por sua vez, eram compostos por: dormitório com três camas e respectivos armários embutidos; sala de estudos com estantes de



Figura 371: Maquete do conjunto.

Fonte: Revista do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, s/d, nº. 1, p. 39.

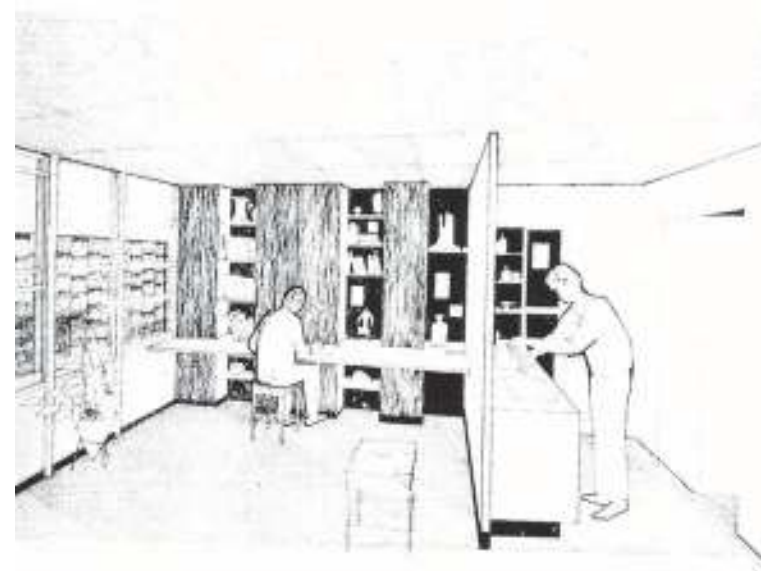


Figura 372: Croqui da sala de estudo e banheiro.

Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 99.

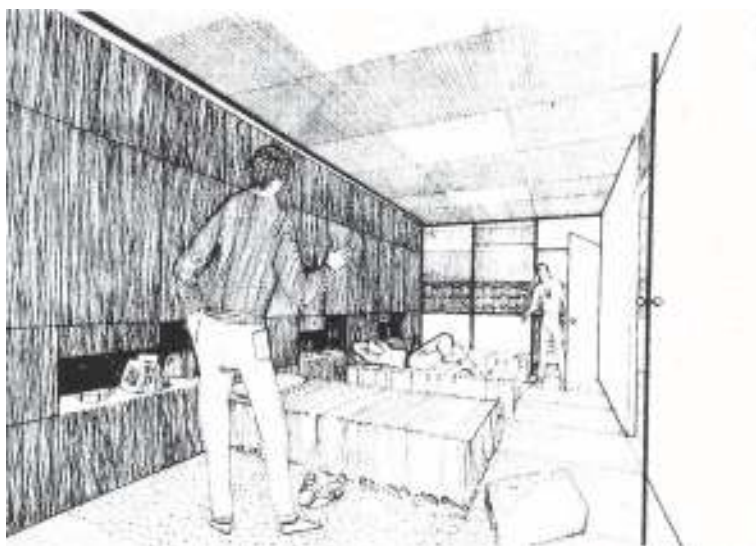


Figura 373 Croqui do dormitório, onde se nota que o projeto original previa um terraço que ligava duas unidades habitacionais.
Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 99.

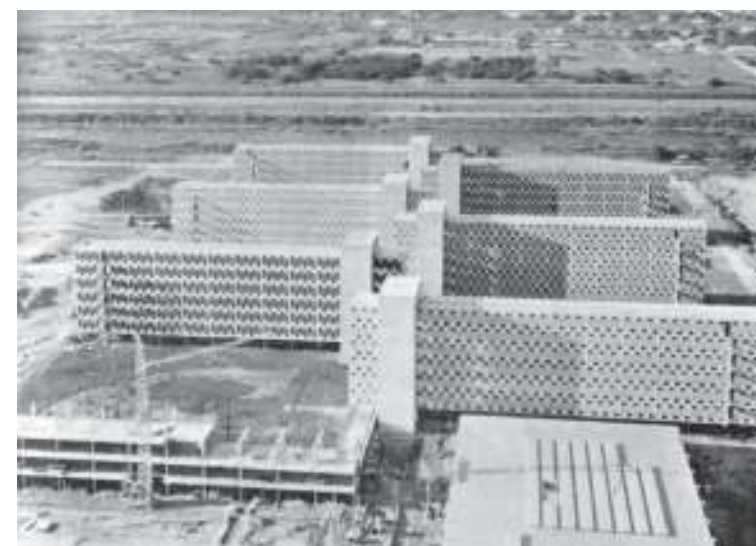


Figura 375: Vista aérea dos seis primeiros blocos construídos, 1962.
Fonte: XAVIER, LEMOS, CORONA, 1983, p.61



Figura 374: Vista aérea do conjunto com os seis primeiros blocos já executados em concreto convencional, e ao fundo, os restantes em execução com estrutura pré-fabricada.
Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 94.



Figura 376: Fachada posterior dos primeiros blocos construídos. Nota-se a escada de emergência e o térreo aberto em pilotis.
Fonte: acervo FAU USP.

livros e mesa para três alunos; sanitário e wc. A solução adotada procurou viabilizar o uso simultâneo de cada apartamento por três alunos (número de habitantes por unidade), de tal forma que, por exemplo, fosse possível usar a sala de estudos ou sanitário, sem incomodar alguém que estivesse dormindo.

Os edifícios eram servidos por dois elevadores. Com o intuito de reduzir os custos da manutenção e a otimização do uso, usou-se a parada dos elevadores nos patamares intermediários das escadas, entre os dois pisos. A circulação vertical, escadas e elevadores, situavam-se em um dos extremos de cada bloco junto ao passeio coberto, que os alinhava ortogonalmente e garantiam o controle do acesso e saída dos moradores (figura 381). Havia uma escada de emergência no outro extremo de cada bloco. Essa escada era externa, em concreto aparente e não tocava o chão, para evitar o seu uso como segundo acesso.(figura 382).

Para contemplar a vida acadêmica dos estudantes, os arquitetos projetaram um passeio coberto que estabelecia ligações entre os edifícios residenciais e entre eles e as áreas de convívio, lazer e estudo (figura 384). Aproveitando o passeio coberto, foi proposta a construção de um restaurante entre o quinto e sexto blocos, para refeições rápidas, e um salão de chá e refrescos, na área compreendida entre o último bloco e a avenida principal. Nas duas extremidades do passeio, foram propostos, também, abrigos para espera de transporte, com serviços como banca de jornais, café, etc.

A idéia de que um estudante pudesse ir de seu apartamento a qualquer outro apartamento do conjunto ou ao restaurante do conjunto, ou a um prediozinho que nós tínhamos ali junto à Raia Olímpica, naquela avenida, que seria uma espécie de ponto de espera de ônibus, de condução. Haveria um barzinho, um vendedor de cigarros, de jornais para o estudante esperar a condução. Haveria um barzinho, um vendedor de cigarros, de



Figura 377: Vista da fachada principal dos primeiros seis edifícios construídos com térreo livre. Fonte: Acrópole, 1964, n°. 303, p. 94.



Figura 378: Detalhe dos edifícios recém construídos. Fonte: Acrópole, 1964, n°. 303, p. 93.



Figura 379: Fachada principal. Fonte: Acrópole, 1964, n°. 303, p. 95.

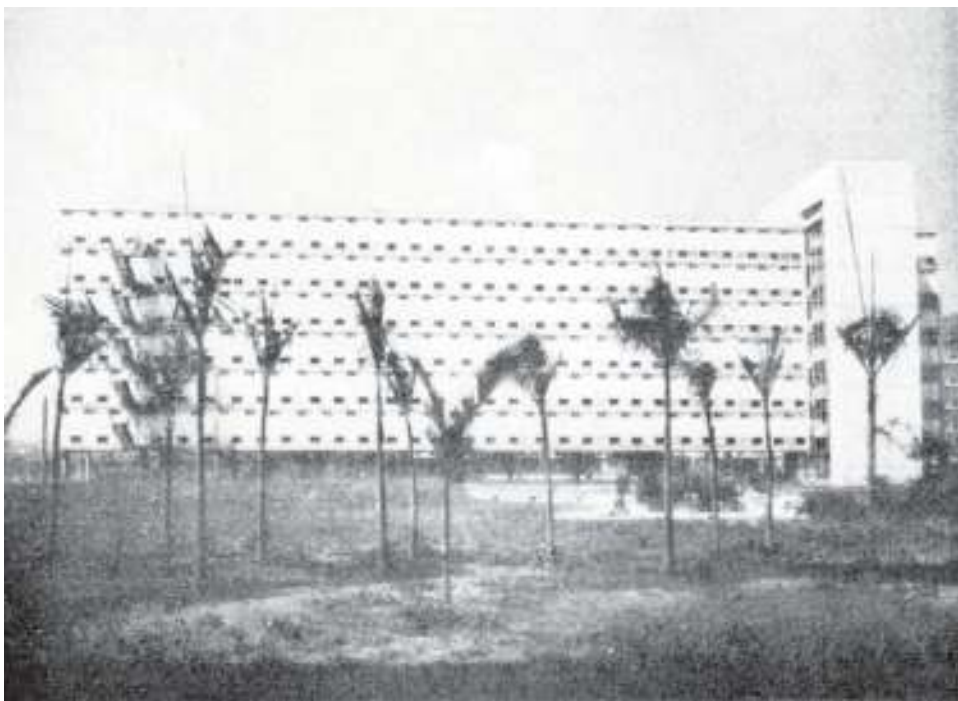


Figura 380: Fachada posterior.

Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 96.



Figura 381: Detalhe do conjunto de circulação vertical.

Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 96.



Figura 382: Detalhe da escada de emergência.
Fonte: acervo FAU USP.

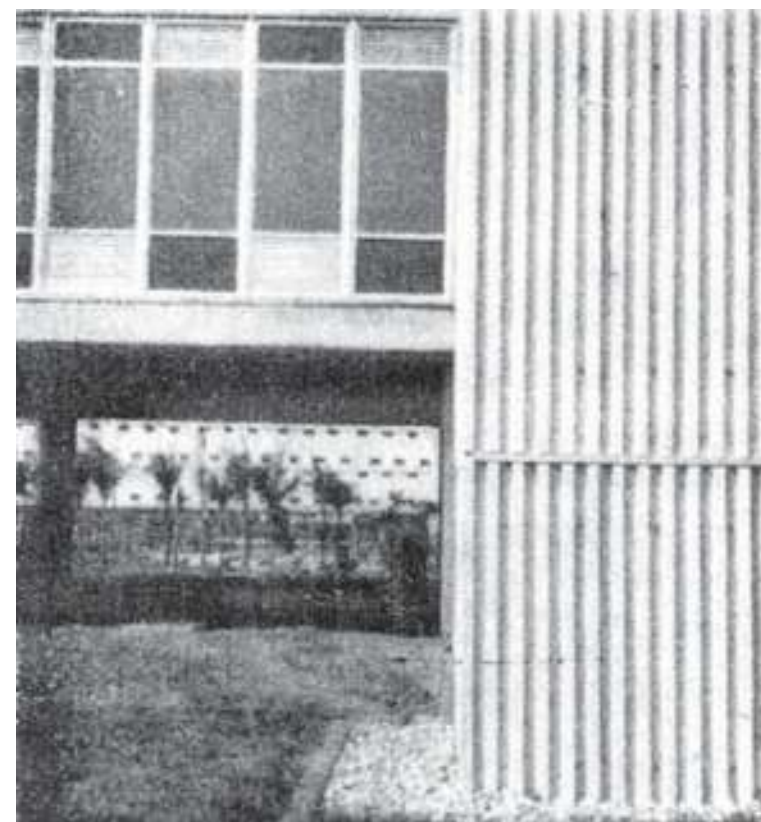


Figura 383: Detalhe do fechamento do conjunto de circulação vertical em chapas Eternit.
Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 96.

jornais para o estudante esperar a condução ali. Mais na outra extremidade, uma casa de chá, uma casa de lanches, que seria o ponto de encontro dos estudantes de toda a Universidade. E tudo isso ligado por caminhos cobertos. Era esta a intercomunicação a nossa grande preocupação. (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: SANTOS, 1985. p. 97-98).

Os arquitetos propunham, ainda, que “*esse passeio coberto se prolongue cruzando em túnel a avenida principal e ligando o setor residencial à área em que estão situados vários dos novos Institutos. Uma outra passagem ligaria os moradores do setor residencial ao centro social, onde se encontram os clubes estudantis, o grande restaurante, a estação rodoviária, etc.*” (ACRÓPOLE, nº. 303, p. 95, 1964).

O sistema estrutural de concreto armado independia da vedação. As divisões internas eram feitas através de painéis leves de madeira e armários. O estudo elaborado pelos autores apontou uma economia que permitira dobrar o número de edifícios, desde que fosse utilizada a estrutura de concreto pré-fabricada e os demais componentes industrializados, previstos no projeto.

Com estrutura em concreto armado moldada *in loco* e pré-fabricada, vedação em painéis pré-fabricados e cobertura em laje plana impermeabilizada, os seis primeiros blocos foram inaugurados em 1963 e abrigaram os atletas do IV Jogos Pan-americanos em São Paulo. Segundo Kneese de Mello, alguns aspectos da obra possibilitaram a construção destes edifícios no *tempo recorde* de quatro meses⁶, são eles:

- Não foram utilizados tijolos;
- Feita a estrutura iniciou-se imediatamente a montagem das divisões, painéis e armários;
- Estrutura muito leve e simples. Peso reduzido dos prédios;



Figura 384: Vista do passeio coberto de ligação entre os edifícios.
Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 97.

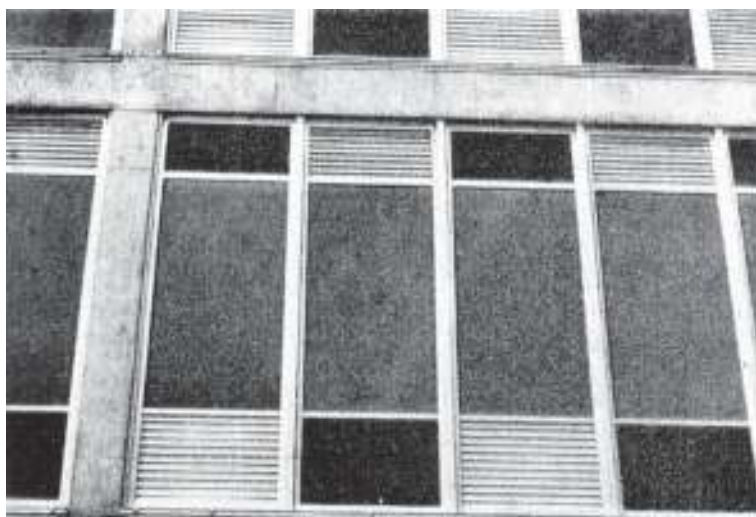


Figura 385: Detalhe da fachada posterior, dos corredores.
 Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 97.

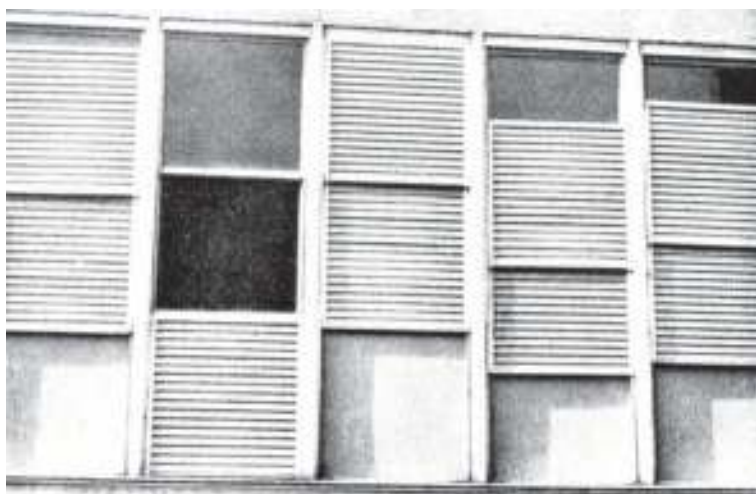


Figura 386: Detalhe da fachada principal. As janelas guilhotina dos dormitórios e salas de estudo foram executadas em alumínio e o fechamento do peitoril executado com chapas coloridas de Formiplac.
 Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 98.



Figura 387: Detalhe da construção.
 Fonte: acervo FAU USP.



Figura 388: Detalhe da fase de montagem da estrutura pré-fabricada.
 Fonte: Revista do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, s/d, nº. 1, p. 48.

- *Canalizações não embutidas no concreto, com facilidade na montagem e em futuras inspeções das peças;*
- *Nenhum serviço de pintura, todos os materiais apresentavam-se em sua cor e textura natural;*
- *Pisos de massa plástica, assentados diretamente sobre o concreto;*
- *Peitoris coloridos de Formiplac, assentados nos caixilhos de alumínio, facilmente, como se fossem de vidro;*
- *Paredes externas cegas, de chapas corrugadas Eternit, simplesmente parafusadas;*
- *As paredes divisórias das unidades residenciais foram previstas com um entarugamento de peroba, tendo Eucatex frigorífico como isolante nos vazios, fechado com chapas de Formiplac e folha de perobinha do campo, nos banheiros e dormitórios, respectivamente. (ACRÓPOLE, n.º. 303, p. 98, 1964).*

As fachadas eram simétricas e ritmadas, marcadas pela estrutura aparente. A caixilharia foi elaborada especificamente para este projeto (figuras 385 e 386), sendo responsável pelo ritmo e simetria das fachadas. Na fachada principal encontravam-se as janelas tipo

⁶ Conforme depoimento do arquiteto Eduardo Kneese de Mello: “Mas, uma experiência que valeu muito nessa ocasião, foi que a nossa obra tinha sido iniciada, só as estacas tinham sido batidas, mas não havia nada sobre o chão, e um representante dos Jogos Pan-americanos, creio que foi (em) 62, veio ao Brasil para examinar os alojamentos que iam ser dados aos estudantes, aos atletas para os Jogos Pan-americanos. E nós fomos chamados lá ao Campus, com aquele chão vazio, as plantas na mão, e mostramos ao pessoal. Era um americano, um mexicano, um argentino. “Vamos fazer isto neste lugar”, e faltavam quatro meses para os Jogos. Então eles se reuniram, de cabeça junto assim, davam risada e tal, e um deles saiu e nos disse, nos comunicou o resultado da conferência íntima deles: “nós não acreditamos, mas aceitamos a palavra do Brasil e vamos satisfeitos, convencidos de que o Brasil vai dar alojamento para os atletas”. E quatro meses depois, os atletas chegaram, as camas estavam prontas, com travesseiros, com lençol, com cobertor, com tudo. Em quatro meses fizemos seis blocos daqueles” (In: SANTOS, 1985, p. 98-99).



Figura 389: Detalhe da fase de montagem da estrutura pré-fabricada.

Fonte: Revista do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, s/d, n.º. 1, p. 48.



Figura 390: Detalhe da fase de montagem da estrutura pré-fabricada.
Fonte: Revista do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, s/d, nº. 1, p. 47.



Figura 391: Detalhe da fase de montagem da estrutura pré-fabricada.
Fonte: Revista do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, s/d, nº. 1, p. 47.

guilhotina dos dormitórios e salas de estudo, executadas em alumínio. O fechamento do peitoril foi executado com chapas coloridas de Formiplac, sendo cada edifício de uma cor diferente. Na fachada posterior, dos corredores, os caixilhos eram divididos em três partes, sendo a maior delas revestida por painel colorido; outra responsável pela ventilação contínua através de veneziana de alumínio; e a terceira em vidro, assegurando a iluminação. Essas últimas intercalavam-se ora em cima, ora embaixo (figura 385).

Os edifícios “originais”, ou seja, aqueles que foram construídos pela Construtora Ribeiro Franco de acordo com as prescrições do projeto de Eduardo Kneese de Mello e equipe, passaram por reformas, especialmente para retirar os painéis corrugados das empenas laterais. Outros edifícios foram, posteriormente, construídos com projeto do Fundusp, mantendo apenas as linhas gerais do projeto original. O conjunto foi desfigurado e a sua integridade foi destruída: um dos edifícios originais foi demolido pelo Reitor Gama Filho (figura 393), posteriormente ministro do governo militar e signatário do AI 5. O fez porque entendia que a disposição original dos edifícios colocava a reitoria (antiga) fora da perspectiva central da entrada da Cidade Universitária. Os edifícios passaram recentemente por uma ampla manutenção e reforma, descaracterizando o projeto original. A proposta de térreos livres e contínuos, sobre pilotis, foi esquecida e atualmente encontram-se fechados, como um pavimento comum destinado a uso diverso. Os espaços entre os blocos originalmente livres para atividades de lazer dos estudantes, foram ocupados por edifícios e que possuem usos conflitantes ou alheios ao uso habitacional.

Neste projeto, os princípios difundidos pelo Movimento Moderno, principalmente por Le Corbusier e pela Carta de Atenas (1933), estavam presentes. Destaca-se o uso de pilotis, responsável pela liberação do pavimento térreo e integração deste com a área de lazer criada através dos amplos recuos entre os edifícios; os serviços acoplados à habitação,



Figura 392: Vista do conjunto residencial parcialmente construído com o edifício da Antiga Reitoria ao fundo. Fonte: UNIVERSIDADE de São Paulo, 2005, p. 134.



Figura 393: Obras do sistema viário de acesso à Reitoria e ao CRUSP. Para a execução dessas obras, um dos edifícios do conjunto foi demolido, desfigurando o projeto original. Fonte: UNIVERSIDADE de São Paulo, 2005, p. 142.



Figura 394: Vista do CRUSP, após sofrer alterações significativas, como a construção de edifícios com usos alheios no espaço antes destinado ao lazer dos estudantes e demolição de um dos edifícios.
Fonte: acervo FAU USP.

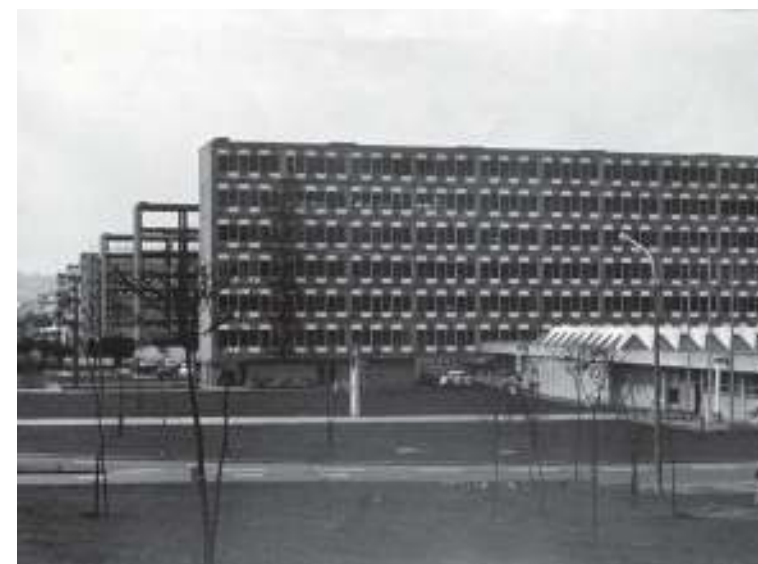


Figura 395: Detalhe de um dos edifícios do CRUSP após alterações. Nota-se a estrutura de um edifício ainda não finalizado.
Fonte: acervo FAU USP.



Figura 396: Conjuntos de circulação vertical fundidos no local da construção do Conjunto Residencial para professores da Universidade de Brasília, 1962-1963. Arquiteto João Filgueiras Lima.
Fonte: LATORRACA, 1999, p. 37.



Figura 397: Vista geral do Conjunto Residencial para professores da Universidade de Brasília, 1962-1963. Arquiteto João Filgueiras Lima.
Fonte: Acrópole 1970, nº. 369/ 370, p. 32.

sendo estes diferenciados por estarem inseridos dentro da cidade universitária; a boa e farta insolação, tendo em vista que os dormitórios e salas estavam implantados voltados para o leste; e, finalmente, a preocupação – manifestada anteriormente no Conjunto Residencial do IAPC – com o passeio coberto, responsável pela ligação entre as vias principais propiciando transporte aos estudantes.

Nesse projeto Eduardo Kneese de Mello foca uma outra grande preocupação do Movimento Moderno: a industrialização da construção. O arquiteto privilegia a racionalização da construção e a pré-fabricação – questão amplamente discutida e divulgada pelos arquitetos da vanguarda europeia, especialmente entre os participantes do 3º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (Bruxelas, 1930) que teve como tema *Métodos Construtivos Racionais*.

O projeto que me deu mais satisfação porque foi uma experiência, uma experiência nova, foi realmente o CRUSP da Cidade Universitária. E eu achei que era a oportunidade de se fazer uma experiência em pré-fabricação. Porque pré-fabricar uma casinha não interessa, a pré-fabricação só interessa quando existe repetição do elemento. E lá, nós tínhamos uma viga, por exemplo, que era repetida cerca de mil vezes. Então, havia todos os indícios de uma experiência válida, mas como não existia nenhuma fábrica montada pra pré-fabricação aqui, eu consegui com muito esforço, com muita briga que eles autorizassem um dos concorrentes a apresentar uma segunda proposta em pré-fabricação. E essa proposta foi a que ganhou a concorrência.

Mas eu acho que foi uma experiência feita com todos os erros porque não existia uma oficina, não existia equipamento para a pré-fabricação, era tudo improvisado na própria obra. Pré-fabricação é boa porque se faz em uma oficina com cobertura contra sol e chuva, com equipamentos todos à vista, com técnicos todos os dias assistindo, e na

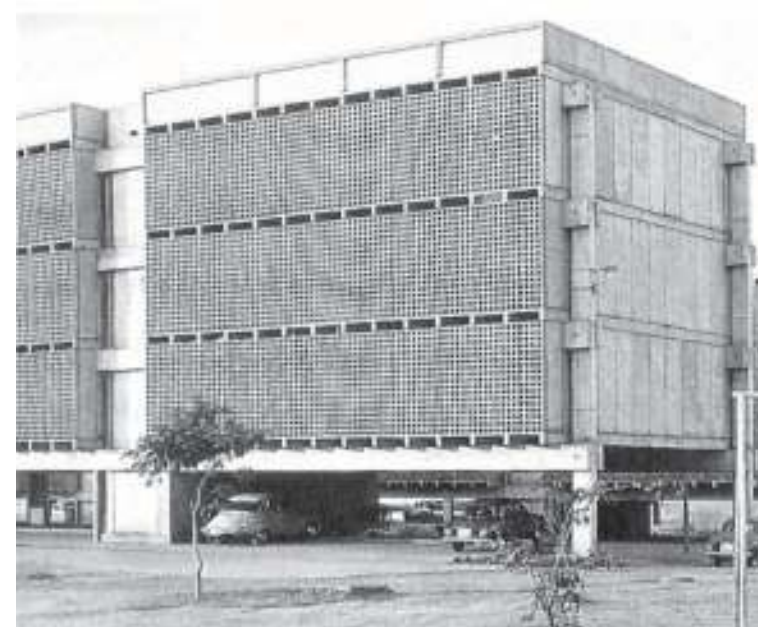


Figura 398: Fachada posterior do Conjunto Residencial para professores da Universidade de Brasília, 1962-1963. Arquiteto João Filgueiras Lima.
Fonte: LATORRACA, 1999, p. 36

obra é a mesma coisa que a construção comum, com todos os erros que a obra oferece, mas de qualquer jeito eu acho que foi uma experiência muito válida e lutei muito porque havia uma oposição terrível contra a pré-fabricação, mas eu achei que era uma oportunidade (...). (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: ARQUITETO, s/d. Cf. Anexo 4).

O projeto de 1961 do Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo pode ser considerado como uma proposta pioneira de pré-fabricação em habitação no Brasil. É contemporâneo ao projeto do Conjunto Residencial para professores da Universidade de Brasília (1962–1963) do arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé, onde o interesse pelo conjunto deriva, principalmente, da tecnologia de pré-moldagem parcial empregada em sua construção. Outro projeto posterior, que contemplou a pré-fabricação em grande escala foi o *Conjunto Habitacional CECAP Zezinho de Magalhães Prado* (1967 – 1972) dos arquitetos João Batista Vilanova Artigas, Fabio Penteadó e Paulo Mendes da Rocha.



Figura 399: Maquete do Conjunto Habitacional CECAP Zezinho de Magalhães Prado (1967-1972). O projeto dos arquitetos João Batista Vilanova Artigas, Fabio Penteadó e Paulo Mendes da Rocha previa a implantação de freguesias. Fonte: ARTIGAS, 2002, p. 184.



Figura 400: Composição cromática da Cecap, concebida pelos arquitetos Fabio Penteadó e Maria Giselda Visconti. Fonte: PENTEADO, 1998, p. 141.